



## IMPASSES DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA CULTURAL: A EXPERIÊNCIA DA REVISTA LABORATORIAL VERBO

### THE IMPASSES ON THE CULTURAL JOURNALISTIC PRODUCTION: THE LABORATORIAL VERBO REVIEW EXPERIENCE

Claudia Jawsnicker<sup>1</sup>

**RESUMO.** Considerando a conceituação do jornalismo cultural como gênero que extrapola a cobertura noticiosa, sendo caracterizado por uma forte presença autoral, opinativa e artística (Faro 2006, Basso 2006), e os impasses que a produção jornalística cultural enfrenta, na atualidade, este artigo pretende relatar a experiência da produção da revista *Verbo*, veículo laboratorial de periodicidade anual e voltada para a área de cultura, produzido pela turma do 5º período do curso de Jornalismo da FAG.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; impasse; revista Verbo

**ABSTRACT:** Considering the conceptualization of cultural journalism as sort that surpasses the news covering and being characterized for one strong authorial, opinion and artistic presence (Faro 2006, Basso 2006), and the impasses that cultural the journalistic production faces, in the present time, this article intends to tell to the experience of the production of the magazine *Verbo*, a laboratorial vehicle of regularity annual and directed toward the area of culture, produced by the group of 5th period of the course of Journalism of the FAG.

**KEY WORDS:** cultural journalism; impasse; Verbo magazine.

#### Buscando conceituar a segmentação

---

<sup>1</sup> Jornalista profissional. Mestre em Educação. Docente do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da FAG, em Cascavel, PR. Docente do curso de pós-graduação da Unipan, em Cascavel, PR. E-mail: [claudiajawsnicker@yahoo.com.br](mailto:claudiajawsnicker@yahoo.com.br)



O jornalismo cultural é produto de uma era que se inicia após o Renascimento (século XV até XVI), na Europa (PIZA 2003). Numa época de renovação intelectual e artística e restauração de valores humanistas, revistas e jornais dedicavam páginas às resenhas, ensaios e reflexões sobre peças de teatro, pintura, prosa e poesias, ajudando a propagar as idéias do movimento Iluminista. Ensaístas como os ingleses Richard Steele, Joseph Addison e Samuel Johnson, o francês Denis Diderot e o alemão G. E. Lessing analisavam o cenário cultural da época, avaliando valores e a arte em geral.

No Brasil, o jornalismo cultural ganhou força no final do século XIX, impulsionado pela publicação de ensaios, crônicas e críticas de nomes como os de Machado de Assis e do historiador literário José Veríssimo que contribuíram para os jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *Gazeta de Notícias* e para as revistas *O Espelho* e *Semana Ilustrada*. A partir de então tornou-se tradição a presença de escritores, artistas e poetas publicando contos, artigos, ensaios e ilustrações sobre literatura, música e teatro, entre outros assuntos, nos periódicos impressos nacionais. Lançada em 1904, a revista *Kósmos* apresentava textos dos escritores Olavo Bilac, Coelho Neto, Artur Azevedo e Euclides da Cunha. Já em 1922, a *Klaxon* – lançada no rastro da Semana de Arte Moderna – reunia textos de Mario de Andrade e do poeta Guilherme de Almeida, entre outros. A revista gaúcha *Madrugada*, publicada entre setembro e dezembro de 1926, foi também fortemente inspirada nos valores modernistas. Segundo Golin e Ramos (2006), a revista foi fundada por um grupo de jovens intelectuais de Porto Alegre, numa época em que as revistas e jornais culturais se multiplicaram no estado; na metade do século XIX, o Rio Grande do Sul contava com 72 revistas e jornais de cunho literário.

Lançada em 1928, a revista *Cruzeiro* também contribuiu de forma significativa à cultura brasileira, contando com a participação de nomes como Lima Barreto, Mario de Andrade, Anita Malfati, Di Cavalcanti, Vinícius de Moraes e José Lins do Rego, entre outros.

A década de 50 – época de profundas transformações na sociedade brasileira – marca o surgimento dos primeiros cadernos destinados especificamente a assuntos culturais nos jornais brasileiros. Neste novo espaço, os jornais passam a debater a efervescência de movimentos e expressões artístico-culturais – como o concretismo, a bossa nova, a



arquitetura urbanística de Oscar Niemayer, o cinema novo e o teatro do oprimido - que expressavam o espírito do novo e o desejo pela experimentação. Estes cadernos culturais constituíram-se rapidamente em um espaço público ligado à cobertura, avaliação e reflexão de eventos culturais e tendências da arte e do pensamento contemporâneo, abrigando significativos nomes de geração de escritores, poetas, ensaístas e críticos. Através de textos opinativos, argumentativos e de avaliação, forneciam elementos para orientar os critérios de escolha do público em relação aos produtos culturais, tornando-se, ainda, o *habitat* por excelência da renovação de formas de linguagem escrita e gráfica.

O *Jornal do Brasil* criou, em 1956, o inovador *Suplemento Dominical* que “trazia um pouco de tudo: artes plásticas, teatro, cinema, ciências, ensaios literários e poesia” (JORNAL DO BRASIL 2000). O poeta Ferreira Gullar – que participou do início do projeto com o poeta Mário Faustino – lembra que o suplemento causou impacto na época, influenciando e lançando artistas jovens, principalmente ligadas ao movimento neoconcreto. Segundo ele, o suplemento apresentava “uma filosofia, uma visão”, lançando idéias e movimentos (2006, p.1). No mesmo ano, outra experiência valorizaria o espaço dedicado ao jornalismo cultural nos jornais: o *Suplemento Literário*, produzido pelo *O Estado de São Paulo*, que reforçava a fase de desenvolvimento cultural da cidade – iniciada com a criação da USP e o fortalecimento do Teatro Brasileiro de Comédia e das produções cinematográficas da Vera Cruz. O caderno pretendia garantir um espaço regular para o debate de idéias e a divulgação de autores consagrados e novos. Em 1960 o *JB* inovaria novamente, desta vez com o *Caderno B*, que aproveitando o talento do artista concretista Amílcar de Castro (responsável pela reforma gráfica do diário) oferecia ao leitor textos criativos combinados com uma diagramação arrojada. Além da cobertura de eventos culturais, escritores como Clarice Lispector, Carlinhos de Oliveira e Ferreira Gullar contribuíam regularmente para o jornal.

Estas experiências auxiliam no entendimento do jornalismo cultural como uma atividade que reflete as problemáticas globais de uma época, satisfazendo “demandas sociais concretas e interpretando dinamicamente a criatividade potencial do homem na sociedade” (RIVERA apud BASSO 2006). Miranda (in Faro 2006) refina o conceito, identificando o jornalismo cultural como uma especialização que expressa uma visão crítica



das questões em pauta na atualidade, oferecendo opiniões e conteúdos. Em outras palavras: o jornalismo cultural sedimenta-se como um espaço público de produção intelectual – extrapolando a cobertura noticiosa e caracterizando-se por uma forte presença autoral, opinativa e artística (FARO 2006). Esta especificidade do jornalismo cultural é discutida também por Freire da Silva (apud Basso 2006), que situa o jornalismo cultural numa zona intermediária entre a produção noticiosa e a opinião crítica analítica e autoral.

### **Dificuldades enfrentadas na prática do dia-a-dia**

Atualmente, o jornalismo cultural tem enfrentado críticas em relação ao desempenho de seu papel, especialmente por não conseguir realizar a função de “orientar criticamente os leitores e de fornecer instrumentos para que eles selecionem o que ler, ver e ouvir” (Piza in Publifolha 2003, p. 144) e por ter perdido em consistência e ousadia.

Várias são as razões das dificuldades enfrentadas pelo jornalismo cultural, segundo especialistas (PIZA 2003, COELHO in PUBLIFOLHA 2003, DAPIEVE 2003). Inicialmente, identifica-se uma superficialidade dos textos, que focalizam, na sua maioria, cobertura de eventos, reduzindo-se a um “guia cultural” a ser oferecido ao público, desprestigiando textos que fomentem a análise e reflexão. Para o poeta Ferreira Gullar, hoje em dia “[no veículo de jornalismo cultural] não se debate, não se discute, não se tem um caráter dinâmico do ponto de vista cultural. É simplesmente um órgão de difusão” (2006:1).

Esta superficialidade parece estar relacionada à submissão do jornalismo cultural ao cronograma de eventos culturais – tornando-se, assim, atrelado aos critérios de seleção do que deve ser noticiado ou não ao critério do mercado e do prestígio. Esta lógica insere-se no quadro de busca pelo lucro e de inserção da publicidade como base de sustentação econômica da mídia, que impôs impactos significativos no campo jornalístico, conspirando para o esvaziamento do papel da atividade e empurrando-a para um novo paradigma (Marcondes Filho 2000, Bourdieu 1997 e Marshall 2002), atrelada à lógica capitalista do mercado.



A informação transforma-se em um campo de negociação e barganha de interesses, submetida às regras e às determinações do *marketing* empresarial. (MARSHALL 2003, p. 27, grifo do autor)

No entanto, autores como Vargas (2004) e Faro (2006), mesmo reconhecendo que o jornalismo cultural contemporâneo sujeita-se aos “ditames da lógica mercantil no capitalismo, visível na incorporação da dinâmica da publicidade e no consumo/ leitura imediata” (Vargas *ibid*, p.2), observam a impraticabilidade de descolar sua produção ao sistema econômico que lhe dá sustentação. Eles não vêem como desconsiderar a dimensão empresarial do jornalismo e a racionalidade que ela imprime aos veículos na concorrência que se estabelece no mercado de bens simbólicos. “O jornalismo cultural corre o risco de estabelecer como uma atividade marcadamente dominada por interesses empresariais que se impõem aos veículos por seu valor de mercado, empobrecendo a dimensão social da notícia” (FARO 2006, p. 6).

O atrelamento à dinâmica do mercado artístico e de estrutura de lançamentos e distribuições de bens culturais provoca outro problema: a pasteurização as pautas. Segundo Dapieve (2002), a repetição de pautas é decorrente da pressão crescente das assessorias de imprensa – que cada vez mais procuram influir na o processo de seleção de notícias através de sugestões pré-editadas de acordo coma linha editorial do veículo – e da pressão proveniente da competição entre os diferentes cadernos de cultura. Para Bourdieu (1997: 34), a cópia de pautas e matérias de um veículo de comunicação por outro, num resultado final de noticiários parecidos, repetitivos, acomodados e enfadonhos é freqüente e configura o que ele denomina de “produção circular da notícia”.

### **A experiência de produção da revista Verbo**

Considerando a conceituação do jornalismo cultural como gênero que extrapola a cobertura noticiosa - caracterizando-se pela forte presença autoral, opinativa e artística -, e os impasses que a produção jornalística cultural enfrenta, na atualidade, a turma do 5º período do curso de Jornalismo da FAG, através da disciplina *Práticas em Comunicação Jornalística VI – Jornalismo de Revista*, iniciou, em 2006, a produção da segunda edição da



revista *Verbo*, veículo de periodicidade anual e voltada para a área de cultura.<sup>1</sup> De acordo com o plano de ensino, a disciplina pretende fomentar o debate sobre o conceito de qualidade de informação; estimular a reflexão sobre as diferentes fases de produção jornalística de uma revista; valorizar a produção de grandes reportagens e estimular a produção, pelos acadêmicos, de uma revista cultural que atenda às necessidades do público leitor.

A *Verbo* nasceu em 2005, como resultado da constatação – pelos acadêmicos de Jornalismo da FAG – de que os cadernos de cultura dos veículos impressos da cidade eram, em sua maioria, superficiais, não cumprindo a função jornalística “do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (PIZA, 2004, p. 45).<sup>2</sup> A constatação foi baseada em uma pesquisa conduzida por acadêmicos do 8º período de Jornalismo da instituição,<sup>3</sup> que identificou o interesse dos leitores em relação à divulgação e análise de acontecimentos culturais locais e regionais. Segundo a pesquisa, 90% dos entrevistados – entre 18 e 45 anos - criticavam a produção jornalística cultural da cidade e 93% consideravam importante a criação de novos espaços na mídia impressa local para a divulgação e debate sobre cultura.

Voltada à área da cultura, a *Verbo* pretende, de acordo com a editora da revista, Franciele de Oliveira, suprir este vazio, através da produção de “um bom jornalismo cultural, crítico e analítico, independente de interesses comerciais, e que atenda as funções do jornalismo cultural”.<sup>4</sup> Esta preocupação é apresentada no editorial da edição número 2 do veículo:

Matérias com textos bem trabalhados, - ricos em interpretações – são o que o leitor vai encontrar ao abrir a revista. Seguindo a linha do *new journalism*, buscou-se ir além da superficialidade do jornalismo diário, superando o comum sem perder de vista a clareza jornalística. (REVISTA VERBO 2006, p.3)

Para Franciele, a publicação pretende valorizar aspectos inusitados em relação à cultura “em vez de apenas apresentar informações previsíveis”.<sup>5</sup> Para isso, foi natural a



decisão de produção de textos inspirados no *New Journalism*<sup>6</sup>, privilegiando-se *reportagens em profundidade, utilizando recursos de observação e redação originários (ou inspirados) da literatura. Os longos textos da Verbo – cerca de 6 páginas cada um – caracterizam-se pela imersão do repórter na realidade investigada; privilegiam a voz autoral do jornalista; buscam personagens e perfis humanizados e, muitas vezes, constroem cenas, através de diálogos. A editora Franciele de Oliveira completa:*

Também se buscou, na revista, evitar extremos como o elitismo e o populismo. Se a cultura está em tudo, nada mais sensato que considerar uma exposição de quadros têm tanto valor quanto uma manifestação artística de rua, popular, como a literatura de cordel.<sup>7</sup>

É importante ressaltar que a construção da revista *Verbo* é um projeto interdisciplinar, pois conta com o apoio da disciplina *Edição em Jornalismo Impresso*. Através desta disciplina, a mesma turma – constituída por 13 alunos – teve a oportunidade de discutir questões teóricas referentes à produção de uma revista (como produção de pauta, reportagens, perfis; conceitos de edição); ao papel do jornalista especializado em cultura; e desenvolver estudos de casos de revistas nacionais de cultura – como a *Bravo* –, desconstruindo a idéia de que o jornalismo cultural é algo secundário ou “decorativo”.

A produção de uma revista experimental contempla a reflexão sobre a teoria vista em sala de aula e a prática da aprendizagem. O primeiro passo para a construção de um veículo laboratorial, segundo Brasil e Heris 2002, Lage 2001 e Marques de Melo 1985, deve envolver a análise crítica dos modelos jornalísticos existentes, na qual os alunos identificam as limitações e perspectivas dos modelos existentes no mercado. Os alunos seguiram esta orientação e analisaram revistas jornalísticas sobre cultura disponíveis no mercado, observando seus pontos positivos e precariedades.

A seguir, os estudantes desenvolveram semelhante análise crítica em relação à primeira edição da *Verbo* (produzida em 2005). A análise foi fundamental para o estabelecimento de um consenso sobre os elementos que agradavam os alunos: formato, número de páginas (66) e definição do público-leitor (misto: a revista é distribuída gratuitamente no campus da FAG, nas outras universidades da cidade e região, em escolas de ensino médio, bibliotecas e vendida em bancas de jornais). Decidiu-se manter também o





padrão da impressão (capa e contracapa em quadricromia e miolo em preto e branco). O número de exemplares foi ampliado para cinco mil, devido ao sucesso da primeira edição. A reflexão incluiu a formulação de alternativas viáveis ao modelo anterior, principalmente em relação à maior ousadia e experimentação de técnicas textuais e gráficas.

Os assuntos priorizados na edição número 2 foram desenvolvidos sob o ponto de vista que seria fundamental oferecer ao leitor reportagens aprofundadas, analíticas e significativas. Entre as matérias, destacam-se uma reportagem que, a partir do ritmo *funk*, procura analisar as características da cultura marginal e cultura de massa; uma entrevista exclusiva com o músico Tony Bellotto, da banda Titãs, que revela as várias faces do compositor; uma reportagem sobre o mangá - história em quadrinho japonês -; e um perfil de Marcelo Gomes, diretor do premiado “Cinema, aspirinas e urubus”. Como matéria de capa, os alunos produziram uma reportagem analisando o fenômeno Orkut, buscando explicações da atração que a rede exerce sobre as pessoas. Além das reportagens, a *Verbo* incluiu dois artigos produzidos por convidados e um desenvolvido por uma aluna do curso.

Duas editoras comandaram a produção. Os outros alunos assumiram diferentes funções dentro da redação: repórteres, fotógrafos e diagramadores. Todas as decisões editoriais (as primeiras na vida da maioria dos estudantes) foram avaliadas em grupo. Por meio da discussão sobre a pauta da edição, produção e correção de textos, produção e seleção de fotos, diagramação e produção de títulos e legendas os alunos vivenciaram os mecanismos geradores de reportagens e desenvolvem sua capacidade crítica de planejamento e execução de um projeto jornalístico (LOPES 1989). Com o apoio dos professores-orientadores (um na área de texto e outro na de planejamento gráfico), os alunos desenvolveram ainda sua capacidade de experimentação de diferentes linguagens textuais e gráficas. A revista foi produzida em um espaço físico adequado - um laboratório de informática, que funcionou como sala de redação. No entanto, os acadêmicos reclamaram sobre a falta de uma impressora e *scanner* no local que facilitaria a produção laboratorial.





A prática laboratorial suscitou vários tipos de benefícios: em primeiro lugar, os alunos foram estimulados a examinar, praticar e questionar a teoria vista em sala de aula, desenvolvendo a reflexão crítica sobre o seu processo de aprendizagem. Abriu-se espaço para a experimentação, para o erro e para a construção de novas possibilidades em cima do erro. Na construção da qualidade do jornal, a auto-avaliação tornou-se prática regular. Foram organizadas reuniões regulares nas quais a equipe avaliava o andamento da produção do jornal.

A segunda edição da revista *Verbo*, com 66 páginas, foi distribuída em julho de 2006. A imprensa oficial do Paraná e um jornal local, acreditando na proposta editorial do veículo, responsabilizaram-se pela impressão da revista. O veículo ganhou o prêmio Mario Lemanski, categoria jornalismo impresso, durante o V Seminário de Práticas Jornalísticas, promovido pela FAG. A publicação recebeu, ainda, em maio de 2007, o primeiro lugar, na categoria projeto em Jornalismo Impresso do 12º Prêmio Sangue Novo, concedido pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná. O prêmio reconhece e valoriza a produção dos estudantes de Jornalismo do Estado.

### **Considerações finais**

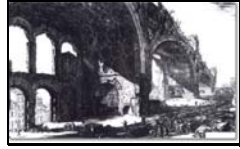
A discussão sobre os impasses enfrentados atualmente pelo jornalismo cultural perpassa vários elementos. Inicialmente, o entendimento que o jornalismo cultural pode contribuir tanto para informar e prestar serviço sobre a produção cultural significativa disponível ao público, como para formar cidadãos (NESPOLI in Alcântara, Chaparro e Garcia 2005). Em seguida, faz-se necessária a constatação de que a produção de um jornalismo cultural de qualidade deve levar em conta sua característica como produto no sistema capitalista e, por isso mesmo, procurar equacionar o desafio de oferecer um produto aprofundado e analítico apesar do perigo da superficialidade causado pelas relações reducionistas e tecnicistas impostas pelo capitalismo. Para tanto, deve-se avaliar cuidadosamente a diversificação de temas e pautas de cada edição de maneira a oferecer ao público um cardápio de notícias, artigos e críticas equilibrado e relevante.



É importante ainda ressaltar que, muitas vezes, os currículos das faculdades de Jornalismo não priorizam disciplinas que tratem especificamente do jornalismo cultural nem disciplinas que focalizem a produção de revistas culturais. Parecer existir, ainda, uma ‘ditadura’ do texto factual entre os professores de impresso. Talvez essa dificuldade possa ser creditada à dificuldade dos docentes em conseguir estimular os alunos a produzirem textos mais longos, analíticos e interpretativos. Mas este desafio não deve desencorajar a formação de um ‘jornalista problematizador’, capaz de mediar o debate das questões políticas, sociais e culturais essenciais à esfera do conhecimento do cidadão comum.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves et al. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ALCANTARA, Norma; CHAPARRO, Manuel; GARCIA, Wilson. **Imprensa na berlinda**. São Paulo: Celebris, 2005.
- BASSO, Eliana. **Jornalismo cultural**. Subsídios para uma reflexão. Disponível em [www.jsfaro.pro.br](http://www.jsfaro.pro.br). Acesso em 10/04/2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL, Antônio; ARNT, Héris (orgs). **Telejornalismo online em debate**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.
- CALDAS, Álvaro (org). **Deu no jornal**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio. 2002. 94-112.
- FARO. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre jornalismo cultural. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista. n° 46, 2006.
- GOLIN, Cida; RAMOS, Paula. **Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: o Modernismo na efêmera passagem da revista Madrugada (1926)**. Anais do 4º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo. Porto Alegre, 2006.
- GULLAR, Ferreira. **Que importância teve o suplemento dominical**. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/har16.html>. Acesso em 05/03/2007.
- JORNAL DO BRASI. **Jornal do século: 1951**. Rio de Janeiro, 2000.
- LAGE, Nilson. **O ensino de jornalismo no século XXI**. Disponível em [www.professoresjornalismo.jor.br/noticias/palestra\\_lage.htm](http://www.professoresjornalismo.jor.br/noticias/palestra_lage.htm). Acesso em 20/08/2001.



LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório**. Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação: teoria e política**. São Paulo: Summus, 1985.

MARSHALL, Leandro. **Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

PUBLIFOLHA. **Um país aberto**. São Paulo: Publifolha, 2003.

REVISTA VERBO. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

VARGAS, Herom. Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. **Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**. Dezembro de 2004, ano 2, nº 4, São Bernardo do Camp: Editora UMESP.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996. **Entrevista com** a acadêmica e editora da revista *Verbo*, Franciele Oliveira, em 16 de novembro de 2006.



<sup>1</sup> A primeira edição da revista foi produzida em 2005, com tiragem de 2 mil exemplares, voltada para um público adulto (entre 18-45 anos), interessado em assuntos relacionados à cultura da cidade e região. A tiragem foi distribuída em instituições de ensino superior da cidade e vendida nas bancas de jornais.

<sup>2</sup> A cidade conta com quatro jornais diários que produzem cadernos de variedades, com notícias sobre cultura, comportamento e sociedade. A ênfase é em notícias relacionadas à celebridades da TV e cinema e os textos são, na sua maioria, provenientes de agências de notícias.

<sup>3</sup> In KLINGER, Mara; NONATO, Viviane; GONÇALVES, Neocleciana. **Projeto editorial do jornal Vox**. Trabalho de Conclusão de Curso. Cascavel: FAG, 2005

<sup>4</sup> **Entrevista à autora** em 16 de novembro de 2006.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Movimento surgido na década de 60, nos Estados Unidos, no qual jornalistas como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese desenvolviam experimentações de natureza literária na produção de reportagens. No Brasil, o maior expoente no “novo jornalismo” foi a criação da revista *Realidade*, lançada em abril de 1966.

**Entrevista à autora** em 16 de novembro de 2006.

<sup>7</sup> **Entrevista à autora** em 16 de novembro de 2006.